

CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO INTEGRAL X ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

Sandra Almeida Ferreira Camargo¹

Resumo

Esse trabalho foi desenvolvido com o propósito de investigar a concepção de educação integral por parte dos educadores que atuam em uma escola de tempo integral da Rede Municipal de Educação de Goiânia. O objetivo foi compreender quais as mudanças no trabalho pedagógico e interfaces dessas nos processos de ensino e aprendizagem dessa escola. Pelo discurso dos educadores, buscamos compreender concepções sobre a proposta, considerando que não se trata de uma inovação atual, mas sim de uma proposta de educação que surgiu da mobilização de intelectuais brasileiros, principalmente das idéias pedagógicas de Anísio Teixeira, na luta em defesa da qualidade da educação pública a partir da década de 1930. A escola em tempo integral, preconizada por Anísio Teixeira, foi um importante modelo de ensino e que atualmente é vista como possível solução para parte dos problemas enfrentados no atual contexto da educação brasileira. Nesta pesquisa, compreendemos educação integral como uma educação completa, que busca, por meio de todas as dimensões possíveis, pensar o ser humano em sua totalidade; uma educação que não seja integral somente em tempo, mas principalmente em qualidade. A pesquisa de abordagem qualitativa articulou pesquisa bibliográfica e entrevista com doze profissionais que fazem parte da organização administrativa e do quadro pedagógico de uma escola de tempo integral da Rede Municipal de Goiânia. As informações coletadas nos permitem inferir que o coletivo de profissionais tem tentado encontrar soluções para as dificuldades que tem se apresentado. Várias experiências têm sido desenvolvidas, desde alterações possíveis na grade curricular até reorganização por agrupamentos com educandos com dificuldades de aprendizagens. Os profissionais têm pensado em diferentes práticas pedagógicas, e investido em novas metodologias, demonstrando disposição em atender as demandas da escola de tempo integral.

Palavras-chave: Educação Integral. Escola em Tempo Integral. Processo Ensino e Aprendizagem.

¹ Grupo de Pesquisa Ensino e aprendizagem no tempo-espaço das escolas de tempo integral de Ensino Fundamental. FE-UFG
safcnegra@gmail.com

Resultados e discussões

Neste tópico, discutimos alguns dos relatos coletados em entrevistas realizadas com os profissionais de uma escola de tempo integral da Rede Municipal de Ensino de Goiânia. A organização do trabalho pedagógico da escola, as relações interpessoais e as opiniões dos profissionais da educação sobre a forma como acontece a educação integral na escola, que funciona em tempo integral, foram os aspectos motivadores dessa pesquisa. Foram entrevistados 12 profissionais integrantes da organização administrativa e do quadro pedagógico da escola, a saber: secretário, professoras, coordenadores pedagógicos e coordenadores de turno. Por meio das entrevistas foi possível constatar que há muitos pensamentos e entendimentos diversificados sobre a educação integral. Entretanto, as professoras desconhecem a teoria que fundamenta a proposta da educação integral. E esse desconhecimento teórico propicia a formação de concepções equivocadas a respeito do comprometimento da proposta de educação integral com os processos de ensino e aprendizagem dos educandos. Faz parecer que o foco central dessa proposta é apenas garantir o assistencialismo às crianças das classes desfavorecidas. E mesmo assim, ocorre um assistencialismo deficitário e desgastante para todos os envolvidos no processo. A escola onde realizamos a pesquisa trabalha com os Ciclos de Formação Humana, que é a proposta da Secretaria Municipal de Educação. De acordo com relatos dos entrevistados, essa proposta de ciclos se mostra eficiente porque “pressupõe o respeito ao processo de construção de conhecimento de cada educando.” (Entrevistada 02).

Mas o que são ciclos de formação? Os ‘Ciclos de Formação Humana’ consiste em uma forma de organização escolar que tem como base o respeito à idade dos educandos e ao seu tempo de aprendizagem. Sua concepção de educação compreende os conteúdos escolares como saberes que devem ser diariamente pensados e ressignificados, vez que “envolvem mais que conhecimentos sistematizados; incluem comportamentos, valores, atitudes e habilidades de pensamento”. Por ter como princípio o respeito às fases do desenvolvimento humano; (infância, pré-adolescência e adolescência), a organização do ensino fundamental em ciclos se faz da seguinte forma: Ciclo I – Ciclo da infância (atende às crianças de 6 a 8 anos), Ciclo II – Ciclo da pré-adolescência (atende às crianças de 9 a 11 anos), e Ciclo III – Ciclo da Adolescência (atende a faixa etária de 12 a 14) (EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO, 2011 p. 27). Para uma bem sucedida aplicação do sistema de ciclos faz-se necessário a realização de

um trabalho interdisciplinar, com conteúdos, valores e hábitos que atendam a todas as dimensões de formação do educando, evitando, assim, que a construção dos saberes seja fragmentada e comprometida. Percebemos que, as nuances previstas para uma educação integral de qualidade, ao serem somadas a essa necessidade, sugere um trabalho árduo que deve ser bem planejado e executado com dedicação total do coletivo de profissionais da escola. Apesar da necessidade de se trabalhar os ciclos em sua totalidade, envolvendo a comunidade escolar no processo de mudança, Arroyo (2000) sugere a necessidade de mudanças estruturais que serviriam para adaptar um novo sistema de trabalho, sua reconfiguração teórico-pedagógica. A educação integral pode ser definida como uma perspectiva que busca, assim como o ciclo de formação humana, uma formação do indivíduo em todos seus aspectos, na sua totalidade. Por isso, fazemos esse paralelo entre ciclos e educação integral que se convergem em um só objetivo na Rede Municipal de Educação em Goiânia. Segundo Pacheco (2008), grande parte da dificuldade de se analisar e conceituar a educação integral parte do fato de que existem diferentes maneiras de se julgar “elementos fundamentais para a definição de Educação Integral, como tempo e espaço, formação de educandos e educadores, articulação entre os diferentes saberes e relação entre escola e comunidade, espaços formais e informais de educação” (p. 5). Na escola analisada, parte das críticas sobre a forma como a escola em tempo integral vem desenvolvendo o trabalho pedagógico diz respeito à organização da matriz curricular nos períodos matutino e vespertino. Existem muitos questionamentos sobre a eficácia de se trabalhar em ambos os turnos com 50% de conteúdos disciplinares e 50% de oficinas, conforme orientação das Diretrizes Curriculares da Secretaria Municipal de Educação (SME). Algumas entrevistadas defendem que seria mais interessante trabalhar conteúdos no matutino e oficinas no vespertino. Outras acreditam que a forma de organização é a mais pertinente, vez que no ano de implementação da proposta foi feita essa experiência e não funcionou. Conforme opinião dos entrevistados, “os educandos entendiam que pela manhã era o momento de estudar e pela tarde só iriam se divertir”, tornando as atividades do vespertino desorganizadas e causando o aumento da indisciplina.

Segue algumas falas das entrevistas;

Entrevistada 01 (Pedagoga Regente):

“A forma como os conteúdos são divididos na nossa escola não é muito positiva para os alunos. Não sei como funciona em outras escolas da Rede até porque tomei posse há pouco tempo e não conheço tantas escolas na rede assim, mas acredito que todos os conteúdos deveriam ser dados no mesmo turno, e o outro turno deveria ter somente oficinas, esportes, aulas de línguas, jogos e essas outras atividades”.

Entrevistada 02 (Pedagoga e Coordenadora de Turno):

“Acho que no processo a intenção é válida. Toda escola do município deveria ser integral. Até pela questão do menor abandonado na rua, e pelas barbaridades que a gente vê, crianças molestadas, judiadas e outra coisa a alimentação deles aqui é boa, então o programa é muito bom.” A escola em tempo integral é muito boa, a proposta, todas crianças deveriam ter essa oportunidade. A criança enquanto esta na escola não está na rua se prostituindo fora ou entrando no tráfico, por que a gente tem muito aluno aqui pequenininho que mexiam com trafico de drogas, e então eles estão se reintegrando com a sociedade, convivendo com crianças da mesma idade dele, mas eu acho errado o que te falei, do componente curricular no vespertino. Eu acho que o vespertino deveria ser uma coisa mais lúdica, mais ‘relax’, pra criança... tem muita criança que não gosta de ficar aqui o dia todo. Você imagina a gente na sala de aula o dia todo?

Entrevistada 03 (Pedagoga):

“Bom, a minha experiência aqui na escola de tempo integral não está sendo positiva. Primeiro pela falta de estrutura física da escola. A Rede não da estrutura nenhuma pra ser escola de tempo integral; depois, porque os meninos têm aulas curricular de manha e a tarde. Eu acho que essa dificuldade é maior a tarde, a gente chega aqui, os meninos já estão exaustos, e sujos, pois não tem banheiros na escola para eles tomarem banho. Não tem espaço para eles descansarem, não têm conforto. Para mim esse é um dos principais problemas da escola de tempo integral hoje.”

Entrevistada 06 (Pedagoga):

“A única coisa que eu não concordo com a proposta da educação integral aqui na escola é essa mistura de conteúdos com oficinas. Não dá pra ser assim né? Antes eu até pensava que poderia dar certo mais depois de ver na pratica já percebi que não tem como mesmo. Os

meninos sempre ficam muito agitados e dispersos quando voltam das oficinas para as aulas regulares. Aí, quem acaba tendo mais dificuldade de trabalhar é a gente, que está na sala.”

Entrevistada 04 (Pedagoga):

“No ano de 2009, agente percebeu que não podia ter essa diferença de aula num turno e oficina no outro, porque no início, aqui, a gente tinha uma separação de conteúdos de manhã e oficinas a tarde. Então, o aluno, de manhã, achava que era pra aprender e à tarde, pra brincar e bagunçar, ele não reconhecia a escola no período vespertino como sendo um local de aprendizado pra ele”.

Podemos perceber que as divergências de opiniões entre as educadoras sobre os componentes curriculares e oficinas, acabam se tornando em um motivo para atribuírem as dificuldades dos processos de ensino e aprendizagem à forma como o currículo encontra-se organizado atualmente. Entretanto, essa é uma avaliação superficial da organização curricular da escola em tempo integral, pois a proposta teórica e metodológica para esse modelo de ensino é mesmo essa, ou seja, a oferta de conteúdos curriculares mesclados a oficinas. Nesse sentido, podemos dizer que há uma possibilidade de que isso aconteça devido ao fato de os educadores entrevistados desconhecerem a fundamentação teórica da educação integral e as concepções que às norteiam. Nesse contexto, retomamos a fala, já registrada anteriormente, de que é a concepção de educação do profissional que norteia e direciona a sua prática. Assim, ao desconhecerem a proposta da educação integral dificilmente os educadores conseguirão adequar sua prática de modo a atender as especificidades dessa proposta de ensino. Por isso, ao lado da implementação da proposta, as políticas de formação continuada necessitariam contemplar um maior número de profissionais que atuam na escola, não apenas os professores. Não há como acreditar ou defender o desconhecido. Nessa perspectiva, as educadoras da escola analisada reconhecem a necessidade de buscar formação continuada para compreenderem os processos da educação integral e sua proposta. No entanto, ao invés desse apoio por parte da SME, o que relatam é o contrário: a impossibilidade de participarem de qualquer curso de formação oferecido pelo Centro de Formação dos Profissionais da Educação (CEFPE) que justifica que os profissionais das escolas em tempo integral não podem participar dos cursos em horário de trabalho, como é ofertado aos profissionais lotados em escolas de tempo parcial. A justificativa da SME são os 50 minutos para estudo que a organização da escola em tempo integral possibilita aos professores. A esse respeito, uma educadora desabafa: “E tem outras questões, por exemplo, a gente tá ai com um impasse

muito grande sobre os cursos de formação. A SME não disponibilizou, pelo menos de quando eu tomei posse aqui, nenhum curso de formação voltado pra escola de tempo integral. E até mesmo os outros cursos que são oferecidos, que é nosso direito participar normalmente, não podemos fazê-los. De acordo com as diretrizes, pelo que entendi, que ainda não existem, para escolas de tempo integral, não permite que o professor de escola em tempo integral participe de um curso de formação como um professor da escola de tempo 'normal'. Alega-se que o professor tem um momento de estudo que é aqueles 50 minutos antes do aluno chegar no matutino e os 50 minutos depois do aluno ir para casa no vespertino.”

Outra grande polêmica da escola em tempo integral diz respeito à estrutura física da escola. As escolas do município foram mudadas de tempo normal para tempo integral sem acontecer uma reforma nos prédios. Atualmente, funcionam em tempo integral sem capacidade de oferecer espaços diferenciados para as atividades propostas, bem como não disponibilizam de espaço para descanso ou mesmo banheiro para que os educandos possam tomar banho, já que passam o dia todo no mesmo espaço, e a maior parte do tempo dentro das salas de aula.

Entrevistada 12 (Pedagoga)

“Outra coisa que a meu ver dificulta ainda mais o aprendizado dos educandos no período da tarde é o cansaço deles e o desconforto devido ao calor e à sujeira. Como não existem banheiros para eles tomar banho e se higienizar, pela tarde estão agoniados com o calor. Nas salas de aula, onde passam todo o tempo, não tem ventiladores e nem mesmo são arejadas o suficiente para amenizar a situação. Assim, é difícil concentrar a atenção em cálculos matemáticos, produção de textos ou mesmo em música...”

Entrevistada 10 (Pedagoga)

“Acho que o que falta para melhorar é estruturar a escola antes de iniciar com o modelo de ensino em tempo integral. Não só de prédio e estrutura física, mas também a parte humana, formar professores pra escola de tempo integral e também de alguma forma orientar no sentido de preparar a família e o aluno para a nova experiência, porque ele também é diferente do aluno de escola regular, e precisa compreender a mudança na proposta de ensino.”

Entretanto, mesmo com as dificuldades apresentadas, o coletivo de profissionais tem buscado soluções através de diferentes experiências e ações. As coordenadoras pedagógicas da escola têm buscado, junto aos professores, articulações com outras instituições educacionais com a

finalidade de levar os educandos para terem aulas em diferentes espaços, atendendo, assim, à proposta da educação integral. Nesse sentido, os educandos têm feito aulas práticas de educação física em espaços profissionais como pistas de atletismo, pistas de salto à distância, gaiola para lançamentos de martelo, espaços próprios para jogos de lanças, quadras e campos gramados de futebol. Além das novas experiências com as aulas de educação física, outras professoras da escola também inovam as aulas com diferentes propostas que se realizam fora do espaço escolar. Aulas de ciências, geografia e história acontecem em espaços abertos e públicos como no quarteirão da escola, por exemplo, em alguns parques que se localizam próximos a escola. São organizadas visitas a mostras de arte, a Vila Ambiental, teatros e cinema, programações articuladas por parte da escola e outras junto a projetos e convênios da SME. Contudo, não podemos permitir que a falta de estrutura física das escolas impeçam a concretização da proposta de educação integral e a formação dos nossos educandos. Aja vista que é preciso compreender a mudança que vem ocorrendo na forma de pensar a educação. E essa mudança certamente será seguida de outras tantas também necessárias. A estrutura física é uma delas. O processo de formação continuada dos professores, no que se refere às teorias que fundamentam a proposta de educação integral, também é uma das necessidades que deve ser atendida. Segundo o relato da coordenadora pedagógica, algumas reivindicações têm sido encaminhadas em forma de relatórios à SME para que, de fato, seja possível desenvolver um trabalho que vise à alcançar a qualidade da proposta da educação integral. Resta saber se serão avaliadas, respeitadas e atendidas.

Considerações finais

Após todo nosso aporte teórico obtido na produção deste trabalho, na pesquisa de campo e período de observações na escola, podemos concluir que a experiência da educação integral na escola estudada está em constantes transformações desde sua implantação. Um modelo educacional complexo, dinâmico e possuidor de diversas nuances como a educação integral deve emanar de um trabalho de pesquisa e formação com todos os envolvidos no processo em cada unidade escolar, considerando as necessidades de cada comunidade. A implantação descompromissada com os aspectos pedagógicos e estruturais das unidades escolares causa diversos contratempos e empecilhos à prática de uma educação integral. Corre o risco de tornar a unidade escolar em uma escola apenas em tempo integral, na qual a compreensão dos conteúdos e conhecimentos não consegue atingir os níveis esperados. Acreditamos que o sistema de ciclos de formação humana, associado à educação integral pode contribuir positivamente, para a compreensão dos conteúdos, já que a jornada ampliada fornece o

dinamismo que o ciclo necessita para seu melhor desenvolvimento. Vale ressaltar que não se faz um trabalho dentro da escola com organização em ciclos de formação humana sem priorizar o trabalho em grupo. A aprendizagem compreende uma série de fatores. Dentre eles, a necessidade de conhecer o indivíduo ao qual se ensina e também ao indivíduo com o qual se trabalha junto. Toda essa conjuntura educacional é que possibilita a construção do conhecimento junto aos educandos e garante a melhoria da qualidade da nossa educação pública. Embora as práticas pedagógicas demandem responsabilidade com a construção do conhecimento, independente dos fatores estruturais e formativos do sistema de ensino ao qual estamos sujeitos. Contudo, em nenhum momento descartamos a importância e necessidade de contarmos com todos esses fatores para auxiliar na construção de um ensino de qualidade. Para que se concretize essa articulação da educação integral e dos ciclos de formação, visando a construção de saberes de forma coletiva e unânime, a escola deve ter um currículo que contemple a formação humana, é preciso reconhecer seus conteúdos e seus aspectos pedagógicos bem trabalhados e bem distribuídos na organização escolar. Para se trabalhar com formação humana, é preciso reconhecer o processo de desenvolvimento no qual cada um está, mediar esse processo a partir dos saberes existentes e buscar uma problematização, pois assim é possível melhorar o processo ensino-aprendizagem a partir do momento em que gerar uma construção coletiva dos saberes, de forma que todos sejam respeitados com suas características próprias e especificidades. Não se pode criar a ilusão de que o saber sistematizado, representado pela forma instrutiva de ensinar vai ser excluído do contexto escolar quando se adota o sistema de ciclos associado à educação integral. Ao contrário, formação humana sócio-cultural e instrução não são concepções que se excluem, a educação deve objetivar trabalhar uma articulação entre esses conceitos, pois assim, a construção do saber vai se dar de forma coletiva e não excludente. Consideramos que alguns cuidados devem ser tomados ao se adotar um sistema de ensino por ciclos na educação integral. Vários aspectos pedagógicos têm de ser trabalhados em harmonia para facilitar o aprendizado. Exemplos disso são o tempo pedagógico e a estruturação do planejamento das aulas. Os conteúdos não podem ser jogados para os alunos sem contextualização e sem que se criem situações propícias a criação de novos saberes. O tempo pedagógico tem de ser trabalhado para oferecer um aprendizado que não seja apenas momentâneo. Para a educação integral, essa estruturação do tempo pedagógico é essencial. Acreditamos que para um melhor desenvolvimento do trabalho pedagógico, sem dúvidas alguma, é necessário investir na formação dos professores. Vivemos em uma sociedade em constante transformação que a cada dia exige uma nova habilidade do trabalhador que intenta estar inserido no competitivo

mercado de trabalho. Com o educador não é diferente, é preciso que ele esteja em contínua formação para que possa dar conta de desempenhar um trabalho significativo e de qualidade. Assim, é importante que sejam incentivados para que possam refletir sobre sua prática, tornando-se um “professor investigador”, que tenha sua própria prática docente como objeto de pesquisa e motivação para um bom trabalho. Para a garantia de uma educação integral e integrada, outro aspecto de extrema importância diz respeito à autonomia que a escola deve ter para tomar decisões relativas à forma de estruturação da sua grade curricular e de suas oficinas que compõe a educação integral. Defendemos, também, a importância da gestão democrática, na qual todo o coletivo de profissionais da escola deve colaborar com a tomada de decisões e planos que possibilitem processos que garantam o comprometimento de todos com a educação pretendida. Cada comunidade escolar sabe das suas necessidades e das suas preferências. Portanto, não é possível padronizar todas as escolas dentro de um mesmo viés. Reconhecemos, ainda, que é papel das secretarias de educação, de modo geral, nortear as diversas escolas, porém, dando à unidade escolar, liberdade e autonomia nas suas decisões. Bem como, tem o dever de dialogar com as unidades escolares na busca de soluções para os problemas apresentados. Nessa perspectiva, ao analisar a proposta de educação integral, defendida por Anísio Teixeira desde a década de 1930, e refletir sobre a proposta de educação integral apresentada pelo MEC, notamos que não há divergências teóricas entre as propostas para a educação integral. Os problemas identificados ainda são os mesmos e vão de encontro ao comprometimento e a responsabilidade por parte do Poder Público ao gerir os recursos destinados à educação. É necessário planejar e construir escolas com condições físicas para ampliar sua jornada de ensino e atender o currículo diversificado que contemple a educação integral. Considerando que uma educação de qualidade requer maiores investimentos sistematizados. Contudo, não podemos negar que a escola tem desenvolvido um trabalho de qualidade dentro de suas limitações. É possível constatar por meio das informações coletadas na escola, que o coletivo de profissionais tem tentado encontrar soluções para as dificuldades apresentadas. Várias experiências têm sido desenvolvidas, desde alterações possíveis na grade curricular até reorganização por agrupamentos com educandos com dificuldades de aprendizagens. Entendemos que os profissionais têm pensado em diferentes práticas pedagógicas, e investido em novas metodologias, demonstrando disposição em atender as demandas da escola de tempo integral.